

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM A MONSTRA
21 de março de 2023

FUYU NO HI / 2003
(“Dias de Inverno”)

de vários realizadores

Realização: Mark Baker, Jacques Drouin, Taku Furukawa, Co Hoedeman, Kihachiro Kawamoto, Yôichi Kotabe, Yuri Norstein, Bretislav Pojar, Raoul Servais, Shinichi Suzuki, Isao Takahata, Kôji Yamamura / *Animação:* Yuko Asano, Mark Baker, Katsushi Bowda, Jacques Drouin, Hal Fukushima, Taku Furukawa, Seiichi Hayashi, Norio Hikone, Co Hoedeman, Takuya Ishida, Azuru Isshiki, Yuichi Ito, Kihachiro Kawamoto, Yôichi Kotabe, Yôji Kuri, Keita Kurosaka, Masaki Mori, Noriko Moritomo, Tatsutoshi Nomura, Yuri Norstein, Fumio Oi, Reiko Okuyama, Aleksandr Petrov, Bretislav Pojar, Raoul Servais, Tatsuo Shimamura, Shinichi Suzuki, Isao Takahata, Bai Rong Wang, Koji Yamamura, Reiko Yokosuka, Maya Yoneshô, Fusako Yusaki / *Produção:* Tatsuo Shimamura / *Música:* Shinichirô Ikebe / *Cópia:* DCP, a cores, falado em japonês, com legendas em inglês e legendas eletrônicas em português / *Duração:* 39 minutos / *Estreia Mundial:* 19 de junho de 2003, Zagreb World Festival of Animated Films / *Inédito comercialmente em Portugal.*

KAFUKA: INAKA ISHA / 2007
(“Franz Kafka – Um Médico Rural”)

de Koji Yamamura

Realização, Animação e Montagem: Koji Yamamura / *Argumento:* Koji Yamamura, a partir de um conto de Franz Kafka, *Um Médico Rural* / *Produção:* Mariko Seto, Fumi Teranishi / *Música:* Hitomi Shimizu / *Som:* Koji Kasamatsu / *Vozes:* Sensaku Shigeyama (Médico), Shigeru Shigeyama (Médico, Voz 1), Doji Shigeyama (Médico, Voz 2), Shime Shigeyama (Cavaliariço), Hitomi Kanehara (Rosa), Ippei Shigeyama (Rapaz), Koji Yamamura (Pai), Marika Seto (Mãe), Fumi Teranishi (Irmã) / *Cópia:* DCP, a cores, falado em japonês com legendas em inglês e legendas eletrônicas em português / *Duração:* 21 minutos / *Estreia Mundial:* Julho de 2007, Annecy Film Festival / *Inédito comercialmente em Portugal.*

Duração aproximada da projecção: 60 minutos.

Sessão com a presença Koji Yamamura

A técnica literária desdobra-se em interpretações ou variações no filme **Fuyu no hi** / “**Dias de Inverno**”, obra que procura traduzir no seu próprio “fazer” a técnica subjacente ao género poético do *renku*, que resulta da criação de poemas a partir de vários contributos, impondo uma espécie de diálogo, normalmente lúdico e provocador, entre vozes artísticas distintas. Sendo o texto poético, em grande medida, a sua própria

técnica de construção, verso a verso, o filme resulta num *display* de técnicas, a maioria delas especialmente marcantes na história da animação japonesa: a técnica mais tradicional, do desenho à mão ou da fotomontagem com papel (*cut-out*), a animação com barro (*claymation*) ou marionetas e mesmo a digital por computador (CGI) são algumas das ferramentas utilizadas para animar cada verso. E a cada técnica, o seu correspondente autor. Reúne-se aqui, em cerca de 40 minutos, um total de 36 curtas de animação produzidas por um grupo diverso de 35 animadores provenientes de vários países, ainda que a maioria seja de origem japonesa: de Mark Baker (conhecido pela sua célebre criação da personagem infantil, Peppa Pig) a Koji Yamamura (já lá vou), passando por Isao Takahata (o realizador de **Hotaru no haka/O Túmulo dos Pirilampos** [1988]) e por Kihachiro Kawamoto (que iniciou esta empreitada). Animadores que dão forma visual e sonora ao jogo poético entabulado por grandes poetas nipónicos, como Bashô, o autor do primeiríssimo verso, lançador da pedra inaugural deste eminentemente desdobrável “multiverso”.

Em **Kafuka: Inaka isha/“Franz Kafka – Um Médico Rural”**, não se percebe ao certo quem está mais doente: se o médico, se o jovem e frágil paciente que este vai descobrir “enterrado” numa cama, suplicando pela morte. “Doutor, deixe-me morrer”, mas o médico, que narra esta história incrível, também confessa, mesmo que desconfiando em relação ao estado real do seu doente vencido pela ideia da morte: “o jovem pode estar com a razão e também eu quero morrer.” Aparentemente ele nada tem – não o médico, mas o rapaz ou não será bem assim? A história de Kafka, uma das inspirações maiores de Koji Yamamura, é particularmente interessante pelo facto de conter diferentes vozes e todas elas “se agitarem” dentro da cabeça ensandecida do narrador participante. O conto em questão é *Um Médico Rural* e a adaptação é bastante fiel, ainda que conferindo um estilo surrealista peculiar ao cruzar referências da cultura japonesa, sobretudo do teatro *kyogen*, com o traço fluido característico deste realizador que começou a sua carreira artística a estudar pintura a óleo na Tokyo Zokei University, nos idos anos 80. O desenho anima a loucura do médico que começa por não conseguir arranjar um cavalo que puxe a carroça velha, possibilitando, enfim, responder ao chamamento do rapaz que sofre (mas de quê mesmo?).

A procura e, depois, a estranhíssima “negociação” com um maldito cavaliço, um habitante desconhecido de uma pocilga situada na propriedade do médico, fazem de toda a partida na carroça um *tour de force* tenebroso, imergindo-nos rapidamente na atmosfera sombria – e febril – deste conto. A empregada do médico, Rosa, assaz desesperada, é usada pelo cavaliço como moeda de troca para pôr em movimento a viagem do médico... ou deste louco que se acha médico. É a natureza movediça e errática da narração – presente na prosa de Kafka – que seduziu Yamamura. Em entrevista concedida a Jasper Sharp da revista *Sight & Sound* («Head trip: the animated worlds of Yamamura Kôji», 20 de junho de 2018), o realizador esclareceu: “Usei imensa distorção visual para expressar o modo como o pensamento do médico muda de súbito.”

Em pelo menos duas outras animações deste realizador, a técnica formal e narrativa é a mesma: o seu multipremiado – marco importante na história recente da animação independente japonesa, muito fruto da nomeação para o Óscar de Melhor Curta de Animação – **Atama-yama/Mt. Head** (2002) é uma obra em que Yamamura se propõe habitar a mente outrossim distorcia de um homem. É ele o dono da “cabeça montanhosa”, mas esta pouco simpática e avarenta personagem é como um “lixo

humano”, não desperdiçando absolutamente nada, nem mesmo os caroços das cerejas que tanto gosta de colher das árvores e devorar uma a uma. Um dia, começa a crescer-lhe uma flor de cerejeira no topo da careca. Ele corta a haste, mas ela retorna e ele corta-a outra vez e de novo ela reaparece... até que o homem se convence de que também é um desperdício proceder desta forma. O que acontece a seguir resulta num extravasamento da metáfora inicial, revelando a catatonia febril – divertida mas também assustadora (Paul Klee e Monty Python são duas referências importantes para Yamamura) – deste homem consumido pelas suas manias, quer dizer, consumido por si mesmo. Não é muito diferente o caso de **Maiburijji no ito/Muybridge’s Strings** (2011), alegoria “musical” que tritura vários instantes da vida do controverso pioneiro do cinema, Eadweard Muybridge, como se a técnica de animação fosse uma espécie de escalpelo que nos permite abrir a cabeça de determinada personagem e mergulhar nos seus pensamentos, numa vida interior misteriosa e convulsa, por vezes (como é o caso deste grupo de filmes), marcadamente sombria.

Luís Mendonça